

A PERCEPÇÃO DE PROFESSORAS SOBRE O BRINCAR DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Isabella Costa Lourenço¹
Carolina Faria Alvarenga²

RESUMO:

No início de 2020, começamos a viver uma grande pandemia, cuja orientação para evitar o contágio pela doença foi o total isolamento social. Com isso, escolas foram fechadas, causando o afastamento das crianças ao ambiente escolar. Deixar de frequentar a escola implica na quebra de um direito da criança, causando o distanciamento do cuidado, das interações e das brincadeiras que esse ambiente pode e deve propiciar. Logo, a partir desse contexto, o objetivo deste trabalho é compreender, a partir das contribuições das professoras da Educação Infantil, quais são suas percepções sobre o brincar das crianças durante o período de isolamento social, suas dificuldades como docentes e desafios das crianças ao voltar ao ambiente escolar. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseada na Pedagogia da Infância, em diálogo com Vigotsky (1996) e Kishimoto (2014) e outros autores e autoras. Logo após, entrevistas semi-estruturadas com quatro professoras da Educação Infantil, que relataram como foi a rotina com as crianças durante o período de pandemia e também ao voltar ao “normal”.

Palavras-chave: Educação Infantil. Pandemia. Brincar.

INTRODUÇÃO

No dia 11 de março de 2020, foi noticiado ao mundo que estaríamos vivendo uma pandemia. O novo vírus que circulava por todo mundo trazia sintomas parecidos com os de uma gripe, como febre, cansaço, dores pelo corpo, tosse, e o mais preocupante, a falta de ar. O contágio da doença se dá por meio de contato e, por isso, foi recomendado pela Organização Mundial de Saúde que as pessoas evitassem sair de suas casas e, quando saíssem, fossem tomados os devidos cuidados, como a utilização de máscaras de proteção facial e a aplicação frequente de álcool em gel nas mãos.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras. 9º período. e-mail: isabella.lourenco@estudante.ufla.br

² Orientadora. Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras. Pedagoga, Mestra e Doutora em Educação. e-mail: carol_alvarenga@ufla.br

Apesar de toda orientação e cuidado, muitas pessoas se contagiaram, causando uma imensa crise na saúde³. Com isso, as recomendações do isolamento foram ficando cada vez mais fortes, chegando à parada do funcionamento de serviços considerados não essenciais, incluindo o fechamento das escolas, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Logo, todas e todos ficamos “presos” em casa, carregando a incerteza de quando tudo isso teria fim.

A todo momento, tínhamos relatos de como esse período de isolamento estava sendo terrível. Muitas pessoas sofreram com o contágio da doença e milhares perderam suas vidas. Tivemos muitos transtornos causados nos adultos durante esse momento, seja pelos efeitos causados pela própria doença ou depressão, crises de ansiedade e até mesmo a saudade da família, amigas e amigos. Mas quais foram os desafios que as crianças enfrentaram durante esse momento?

Liane Manguiera, Ricardo Negreiros, Margareth Diniz e José de Souza (2020) citam que, diante do isolamento social, do confinamento em determinados espaços por muito tempo e o medo da doença, possivelmente teremos consequências a longo prazo nas crianças, já que os traumas e frustrações podem desencadear reações imediatas ou somente quando o indivíduo estiver na vida adulta.

Em meio a tantas incertezas, algo me chamou bastante atenção: inicialmente em meu ambiente familiar e, posteriormente, se tornou uma grande preocupação em relação ao brincar das crianças afetadas pelo isolamento social.

O brincar na infância é um direito das crianças, algo que deveria ser garantido todos os dias, por ser essencial para a imaginação e a criação de laços.

Eu me lembro como se fosse hoje das minhas brincadeiras de criança, a diversão era garantida quando fazíamos roda para ouvir cantigas, brincar de pega, andar de bicicleta na praça, fazer bolos na areia e muito mais. Quando me junto aos meus amigos de infância sempre conversamos o quanto nos divertíamos nessa época, e como tentamos trazer isso para as nossas crianças hoje em dia, seja como profissionais da educação ou como mães e pais. Isso nos mostra como brincar é marcante e fica gravado em nossa memória. Para além de toda essa diversão e considerando que o brincar é algo que conseguimos ensinar, direcionar e transmitir de forma coletiva para outras gerações podemos classificar como uma construção cultural, mostrando que a brincadeira não está

³ No Brasil, a crise na saúde se justifica por questões de extensão territorial, desigualdades sociais e de gestão pública. A última considera a demora para a mobilização de recursos.

relacionada apenas com as questões de desenvolvimento social e educacional, mas também e, principalmente, com atos de afeto.

No Brasil, instituições de Educação Infantil foram totalmente fechadas por mais de um ano com a finalidade de evitar o aumento de contágio pela doença Covid-19, ocasionando assim a manutenção de crianças dentro de suas casas, onde o único contato na maioria das vezes era com os próprios familiares.

Isso se tornou um grande desafio, levando em conta que o problema se estende a fatores de saúde, sanitários, políticos, sociais e econômicos. Sabemos que as políticas públicas voltadas as infâncias são mais dificultosas que resolutivas, já que muitas vezes não visam melhorar as condições de vida das crianças, mas sim sanar problemas do cotidiano dos adultos (QVORTRUP, 2010). Mas durante a pandemia houve um agravamento da situação, onde as famílias se viram sozinhas em relação às decisões e orientações relacionadas as suas crianças, pois muitas das vezes é na escola que encontram esse amparo, seria necessário uma escuta ativa das famílias e as crianças relacionadas as articulações ao enfrentamento dos possíveis impactos. Assim como citado em trecho de um estudo relacionado à Educação Infantil e às políticas governamentais:

Do ponto de vista da política, evidenciamos algumas medidas necessárias. A importância do diálogo com os atores diretamente envolvidos, por meio de comissões locais, avançando na avaliação das condições de vida das famílias e das crianças nesse período de suspensão das atividades escolares, garantindo que os direitos de provisão e de proteção sejam assegurados (Scalabrin; Côco, 2020, p. 9).

Portanto, quais seriam as consequências causadas em uma criança que não possui contato com outras crianças? Quais problemas podem surgir com a falta do brincar com o outro e da estimulação da imaginação e fantasia? Quais as implicações nos brincar de crianças em instituições de Educação Infantil?

O objetivo deste trabalho é compreender os desafios do isolamento social sobre o brincar de crianças a partir das percepções de professoras da Educação Infantil. A pesquisa, qualitativa, deu-se a partir de um estudo bibliográfico sobre a importância do brincar na infância e como eixo do currículo da Educação Infantil. Partindo dos pressupostos teóricos baseados na Pedagogia da Infância, realizamos entrevistas⁴ semi-estruturadas com professoras de quatro instituições de Educação Infantil, duas públicas (uma municipal e uma federal) e duas particulares (uma privada e uma sem fins lucrativos). As entrevistas foram transcritas e analisadas a partir da análise de conteúdo,

⁴ As entrevistas realizadas passaram pela aprovação do Comitê de ética. CAAE: 69479823.2.0000.5148

proposta por Laurence Bardin (1977).

EDUCAÇÃO INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

Em 1988, amparada pela Constituição Federal, a Educação Infantil se tornou um direito da criança e um dever do Estado. Com duas vertentes foi institucionalizada como o direito da mulher em cumprir com sua jornada de trabalho enquanto seus filhos e filhas estão sendo cuidados (ficando aqui ausente a problematização sobre o tema), e como direito da criança em frequentar um ambiente educativo. O Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8.068, de 1990, (ECA) é o principal documento que normatiza os direitos das crianças no país. Nele encontramos um conjunto de artigos que protegem e garantem seu bem-estar e saúde. No capítulo II, que diz respeito ao direito à liberdade, ao respeito e à dignidade, encontramos no item IV o direito ao “brincar, praticar esportes e divertir-se” enfatizando ainda mais a brincadeira não somente como um momento importante na vida de uma criança, mas como um direito garantido por lei.

Em 1996, a Lei De Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) regulamenta a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica, trazendo para a legislação a importância da articulação entre o cuidado e a educação.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) é um documento que tem como objetivo normatizar o direito das crianças em ter uma educação de qualidade e inclui concepções importantes sobre esse período. O currículo, que deve ter como objetivo ações educacionais e de cuidado que garantam o desenvolvimento integral das crianças, tem como eixos as interações e as brincadeiras. Os eixos são essenciais para o desenvolvimento da criança, entendida como "sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva" (DCNEI, 2010, p. 12). O documento traz que é sendo criança que brincamos, aprendemos, exploramos, questionamos, dessa forma, produzimos cultura.

Segundo Vigotsky (1996), nossa cultura surge por meio da interação social entre os indivíduos, assim como a linguagem, que se desenvolve com o objetivo de atingir o outro. Elaine Rabello cita que “a relação entre o desenvolvimento e a aprendizagem está atrelada ao fato de o ser humano viver em meio social, sendo este a alavanca para estes dois processos” (Rabello, 2010, p. 5).

A infância é o período em que as crianças estão buscando descobrir o mundo e suas

possibilidades, então é necessário o estímulo para que se desenvolva o brincar. Por meio da brincadeira, é possível desenvolver muitas habilidades que serão altamente necessárias ao longo da vida, como o raciocínio lógico, coordenação motora e a imaginação. É nesse momento que as crianças conseguem demonstrar por meio da brincadeira suas impressões e sensações do mundo. Além disso, como já citado, a brincadeira se mostra importante para que se compreenda regras e a socialização.

No contexto escolar podemos seguir essa mesma linha, pois muitas vezes é dentro da instituição educativa que os bebês e as crianças conseguem ter o primeiro contato com colegas podendo ficar livres para explorar ambientes e interações e assim desenvolver essas habilidades.

este é um tempo que deve privilegiar as interações das crianças entre si, com os adultos da sala, bem como com os espaços e os materiais, sendo dos momentos mais ricos em termos de observação das crianças, fornecendo-nos pistas sobre a sua personalidade, o seu desenvolvimento, os seus interesses e as suas necessidades (Coelho; Tadeu, 2015, p. 110).

Refletindo sobre o pensamento de Vygotsky (1996) sobre o relacionamento humano, conseguimos pensar na brincadeira como uma vivência, pois ele é um conjunto que atrela o imaginário, as experiências vividas pelas crianças. Experiências essas que se constroem a partir de suas relações com o outro, para isso, tendo a necessidade de se fazer partes de ambientes que propiciam essas interações.

É interessante perceber nas brincadeiras as suas variações. Tizuko Kishimoto (2014) reflete sobre como o brincar pode ser diferente em cada região. O território brasileiro é muito grande e é necessário entender que em cada uma de nossas regiões devemos encontrar crianças que brincam de maneiras distintas, considerando suas características pessoais, suas experiências familiares, o contexto em que vivem, a economia e sociedade.

Já sabendo que a forma do brincar pode variar de acordo com a vivência da criança, por exemplo, se a criança é moradora do litoral e sua família convive com as comunidades aos arredores da praia, é provável que em suas brincadeiras a criança insira esse contexto. Com isso, o texto de Kishimoto aborda cinco critérios para a formação da natureza das brincadeiras:

formato de pensamento de segundo grau, similar ao faz de conta; decisão do brincante de entrar na brincadeira e do brincar ser uma sucessão de decisões ou que jogar é decidir; regra que se impõe do exterior ao jogador, que pode ser negociada ou construída à medida do jogo; frivolidade ou a minimização das consequências da atividade; incerteza (Kishimoto, 2014, p. 84).

Kishimoto (2014) também pensa nas brincadeiras como modo de resiliência em regiões que de certa forma foram afetadas com um algum flagelo, como guerras e desastres naturais, ambientais e sanitários. É brincando e levando diversão para as crianças que conseguimos uma forma de dar apoio as comunidades traumatizadas. Esse pensamento pode de alguma forma ser atrelado ao que estamos buscando nesse estudo, já que muitas das consequências são decorrentes de uma pandemia.

PERCEPÇÕES DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Tivemos o fim da pandemia oficialmente anunciado em 5 de maio de 2023, mas os serviços essenciais e as escolas voltaram a funcionar antes disso. Com a chegada das vacinas e a melhora na crise sanitária, no segundo semestre de 2021, já observávamos algumas tentativas de volta ao “normal”. Mesmo com rodízios, as crianças, aos poucos, conseguiam voltar a frequentar a escola.

Em conversas informais com professoras que atuaram durante esse momento difícil e de incertezas, pude começar a refletir sobre os desafios enfrentados com o retorno das crianças, sobre os que ainda permanecem e sobre os muitos que ainda virão. Diante dessas inquietações, realizamos entrevistas com quatro professoras:

Professora Maria atua com crianças de cinco a seis anos e em uma instituição educativa privada particular. Em suas atividades durante a pandemia, Maria realizava encontros remotos diariamente, com duração média de uma hora e meia. Os encontros eram voltados para a realização de atividades impressas, material apostilado e interações musicais.

Professora Joana atua com crianças de três a quatro anos em uma instituição educativa pública federal. Joana realizava encontros remotos semanais com as crianças com o intuito de criar vínculos e apresentar atividades culturais, também confeccionava *kits* pedagógicos.

Professora Letícia atua com crianças de quatro a cinco anos em uma instituição educativa público municipal. Letícia também trabalhou com *kits* pedagógicos e encontros remotos, mas a frequência de participação das crianças era baixa, justificada pela falta de tempo e de equipamentos pelas famílias.

Professora Bia atua com crianças de três a seis anos em uma instituição educativa privada sem fins lucrativos. Encontros remotos eram feitos em datas pré-definidas, mas

não eram frequentes e tinham como objetivo manter o vínculo com as crianças. Os *kits* pedagógicos eram confeccionados de acordo com datas comemorativas da escola.

A partir da análise de conteúdo de Bardin (1977), organizamos as entrevistas em quatro categorias: Desafios de ser docente na pandemia, brincando na pandemia, inseguranças e novas formas de brincar e prejuízos no desenvolvimento infantil.

Desafios de ser docente na pandemia

Dentre as escolas participantes das entrevistas conseguimos uma diversidade de contextos sociais, mas todas as escolas contavam com uma equipe que conseguia ao menos uma vez na semana realizar encontros remotos com as crianças, e algumas vezes durante o ano mandaram *kits* pedagógicos contendo atividades a serem realizadas em casa junto às famílias. Vale a pena citar que algumas dessas escolas voltavam suas atividades para a realização de teatros, leitura de histórias, músicas e brincadeiras, e outras tinham como foco a realização de atividades das apostilas. Então cabe aqui levar em consideração as dificuldades que podem surgir nas diferenças de contextos e nas aplicações de atividades.

De forma unânime, foi comentado pelas entrevistadas que os principais desafios de ser docente durante o período de pandemia foi a distância das crianças e realizar um planejamento que fosse capaz das famílias conseguirem compreender o que estava sendo proposto e que, ao mesmo tempo, fosse algo atrativo e que prendesse a atenção das crianças: *“a gente tinha que explicar minuciosamente como seria feito e mesmo assim a gente não conseguia perceber, ver, observar, analisar, avaliar se estava sendo feito conforme o objetivo que era pensado por nós”* (Professora Joana⁵).

Uma das professoras cita como forma de frustração esse momento do planejamento. Ao que se percebe não era possível acompanhar de forma efetiva as atividades propostas, sendo assim impossível saber o que estava sendo realmente realizado com as crianças em suas casas.

“Você via que, às vezes, você estava ali conversando com a criança, mas a criança estava em outro mundo, em outro ambiente, ligado à outra coisa” (Professora Bia). Para as professoras que realizavam encontros remotos, também se apresentaram como uma grande dificuldade, já que prender a atenção das crianças pequenas diante de

⁵ Os nomes das professoras são fictícios.

uma tela de computador ou celular era uma missão complicada. As crianças não conheciam quem estava ali do outro lado da tela, a professora e colegas da turma eram pessoas que se faziam presentes na vida das crianças apenas no virtual. Uma das professoras relatou que era como se fossem personagens e que manter esses personagens sendo atrativos durante longos períodos era difícil.

Com todas essas dificuldades, o principal objetivo dos encontros remotos com as crianças foi majoritariamente voltado para a criação de vínculos entre as crianças e as professoras. Uma entrevistada cita que *“a gente tentava trabalhar atividades de coordenação... atividades de coordenação motora, de fala, de questões de cores”* (Professora Bia), mas volta nas questões depender da disponibilidade e do entendimento das famílias para auxiliar na realização das propostas.

Durante os encontros que aconteciam, em sua maioria, pelo menos uma vez na semana, as professoras tentavam diversificar ao máximo as possibilidades para tentar prender a atenção das crianças de forma que fosse divertido participar do momento. Uma das entrevistadas conta como foram as tentativas:

A gente tinha atividades para desenvolver a linguagem, com histórias, leituras, poesias. E as músicas também. Momento de fazer receitas com a família, receitas culinárias e assim então a gente tentava, de certa forma, proporcionar um desenvolvimento global da criança, né, que é um dos objetivos da educação infantil. (Professora Joana)

A confecção de *kits* pedagógicos também foi uma das possibilidades bastante utilizada durante a pandemia, sacolas e caixas contendo fantoches, livros e atividades. Eram fabricados, muitas vezes, pelas próprias professoras com a intenção de aproximar as crianças e ampliar seu repertório cultural. Uma entrevistada relata que *“era enviado para as famílias um kit com fantoches, fantasias, adereços junto com as outras atividades. Isso dava um pouquinho de alegria para eles no momento da fantasia”* (Professora Maria). As professoras deixam claro que a intenção colocada em cada etapa de todo esse trabalho era trabalhar de forma lúdica, causando assim diversão e prazer nas crianças na hora da realização das atividades, mas elas tinham a consciência que nem sempre conseguiam alcançar tal objetivo *“por mais que a gente conseguisse trabalhar e fazer uma atividade que fosse lúdica, esse lúdico não alcançava as crianças”* (Professora Bia).

Em todas as conversas é nítida a dedicação que cada professora teve em fazer o possível para garantir uma Educação Infantil de qualidade, mas considerando os direitos de aprendizagens, que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, podemos concluir analisando somente esse primeiro tópico que os eixos não

conseguiram ser trabalhados, ou seja, a qualidade da educação oferecida durante esse período pode ser questionada. Além disso os documentos normativos enfatizam a importância da prática do cuidado como parte do currículo da Educação Infantil. Considerando que as crianças não conseguiam ter o contato físico com as professoras, esse foi um elemento que também não foi alcançado efetivamente.

Brincando na pandemia

Em se tratando do lúdico e da diversão, questionei as professoras sobre como foram observadas as brincadeiras durante esse período de isolamento. Obtive respostas diversas, já que o contexto de cada instituição que participou da pesquisa era diversificado. Algumas relataram que o contato com as crianças era muito difícil. Dessa forma não conseguiram analisar esse aspecto e chegar em alguma conclusão. Outras relataram que conseguiram perceber que a brincadeira foi algo ausente durante o isolamento, toda diversão era voltada para o uso de telas, seja em jogos nos celulares ou programas de televisão. Muito disso ocasionado pela falta de espaço: *“muitas não tinham quintal, não tinha uma varanda e às vezes a brincadeira era restrita a um espaço pequeno e não dava para poder ser uma brincadeira mais dinâmica”* (Professora Joana).

Apesar de ser comum vermos relatos como esse último, fui surpreendida com a resposta de uma professora. Ela contou que muitas de suas crianças conseguiram ter a sua disposição espaços com contato com a natureza:

Eu tive crianças que tinham contato com roça, com fazendas, com sítios, famílias que se isolaram completamente nesses ambientes. Então essas crianças tiveram um desenvolvimento que foi até interessante, porque eles tinham muito contato com natureza, muito contato com o ambiente, com o ar livre. Eles tinham espaço para correr e para brincar (Professora Bia).

É sabido o quanto esse tipo de oportunidade é incomum para a maioria das crianças, mas é interessante observar o relato da professora e perceber que algumas tiveram esse privilégio: *“essas crianças da roça desenvolveram um brincar livre, natural, que está dentro do esperado para a idade deles”* (Professora Bia).

Inseguranças e novas formas de brincar

Com as entrevistas, foi oportunizado ouvir das professoras como foi o momento de volta ao ambiente escolar. É necessário entender que a volta causou inseguranças não somente nas crianças, mas nas famílias e nas professoras. Duas delas relataram de forma enfática o quão difícil foi voltar a trabalhar correndo o risco da contaminação *“meu álcool*

fica ali ó o tempo todo... lava a mãozinha passou, né? A gente fica com muito medo. É o maior desafio que eu acho para nós nessa década”. (Professora Letícia)

Se para os adultos a nova adaptação foi difícil, os relatos das dificuldades de adaptação das crianças não surpreendem. Levando em conta que a Educação Infantil engloba crianças de zero a cinco anos, a maioria que estava adentrando a escola nesses momentos estava tendo o contato com a rotina escolar pela primeira vez, e não somente o contato escolar, mas um contato social de modo geral. As professoras relataram que para a maioria das crianças aquele era um dos primeiros momentos de interação com pessoas de fora da família, e que com isso a caminhada da confiança, do toque e do afeto foi muito mais tortuosa.

Relacionado ao brincar, ouvi um relato interessante de uma professora a qual tinha uma criança bem participativa nos encontros virtuais, mas que houve uma surpresa quando do retorno presencial: *“Ela não sabia... assim, brincar, principalmente no parquinho, ela brincava com os brinquedos que a gente tinha na sala, mas, no parquinho, ela não sabia escorregar. Ela não sabia nem locomover direito entre os brinquedos”* (Professora Joana). Outra professora conta sobre o processo de introduzir as brincadeiras tradicionais: *“Quando você fala: vamos brincar de corre cotia? Eles nunca viram essa brincadeira, então fui, levei no pátio para conhecer a brincadeira, para aprender brincar de roda. Eles nunca tinham ouvido falar, brincar de roda”* (Professora Letícia).

Isso ajuda a confirmar como foi restrito o contato das crianças com o brincar durante o tempo em que elas ficaram em casa. Essa dificuldade em conhecer as brincadeiras, de se engajar nelas e principalmente em conseguir a interação com o outro durante a diversão foi relatada por todas as professoras entrevistadas. Elas demonstram bastante preocupação com o desenvolvimento social das crianças, apesar de estarem trabalhando a cada dia nas salas para superar essa dificuldade, ainda são poucas que aceitam um toque, um afeto, seguem regras de convivência e que conseguem interagir bem com as outras.

Aos poucos as crianças vão conseguindo se sentir mais livres ao contato com as professoras e colegas, e assim começaram a desenvolver brincadeiras fruto do imaginário. Mas é interessante ouvir das professoras qual era o teor dessas brincadeiras. Eu já havia presenciado em um dos meus estágios crianças pedindo ajuda para moldar em massinha um pote de álcool em gel, mas confesso que não havia refletido sobre isso até ouvir os relatos das professoras: *“A criança andava, falava, gesticulava e fazia os sons do jogo*

que ele jogava no videogame e aí eles queriam brincar só de Roblox, Minecraft, esses jogos entraram na vida deles com uma intensidade muito grande (Professora Bia)”.

Esses tipos de falas foram muito comuns, as crianças imitavam jogos de vídeos games, personagens de canais do *Youtube* e reproduziam cenas que eram presentes diariamente nos noticiários *“Elas brincavam de... papel higiênico, por exemplo, aquele rolinho de papel higiênico, brincavam de álcool em gel, brincavam de pandemia e brincavam de vigilância sanitária”* (Professora Bia).

Essas brincadeiras foram mais presentes nos primeiros meses no pós pandemia. Atualmente, as professoras relatam que os contextos das brincadeiras já mudaram parcialmente, já que tudo está relacionado ao meio em que os pequenos vivem e a cada dia elas tentam transformar esse meio em algo mais brincante e comum.

O uso das telas ainda é muito presente. Mesmo que a escola incentive as brincadeiras, as professoras conseguem perceber pelas falas das famílias das crianças que em casa as telas continuam sendo a principal protagonista na hora da diversão, *“eu vejo muito pai que fala pro filho, olha, se você não comportar, não cumprir a regra, nós vamos tirar o celular ou tablet”* (Professora Letícia).

Talvez pela falta de tempo ou espaço, as telas se tornaram uma alternativa de entretenimento para as crianças. As professoras Joana e Letícia citam que sabem que isso pode trazer malefícios, mas não condenam totalmente o uso das ferramentas. Elas entendem que para as gerações futuras já é necessário que desde muito novas elas tenham conhecimento de como utilizar a tecnologia: *“os modos de brincar principalmente voltados para a tecnologia está muito imbrincado com a nossa sociedade como um todo, nossa sociedade contemporânea”* (Professora Joana). Com isso, a tentativa agora é mesclar as tecnologias com as brincadeiras comuns e deixar as alternativas livres para que as crianças possam escolher como e quando se divertirem. Uma das palavras que uma professora usou foi: ressignificar, ou seja, entender que aquela foi a possibilidade encontrada no momento de dificuldade e junto com as crianças tentar mudar a forma com que é utilizado, sem exageros e com consciência.

Apesar da exploração das mídias terem se tornado algo habitual para as muitas crianças da Educação Infantil, é importante deixar evidenciado o quão prejudicial isso pode ser para elas. Ana Paula Ferreira de Lima, Cláudio Stacheira, Francisco s de Melo, Marcelo Porto, Pedro Souza, Sônia Silva (2023) citam que para crianças menores de 2 anos o uso da tela deve ser evitado, já para as crianças de 2 a 5 anos o tempo de uso recomendado é menos de uma hora diária. Caso a recomendação não seja seguida as

crianças podem desenvolver problemas como: estresse excessivo, falta de afeto, violência e falhas no desenvolvimento cognitivo e motor. Além disso é imprescindível que as crianças, enquanto usam os dispositivos, estejam sempre acompanhadas da família com a intenção de evitar a exposição da criação a conteúdos inapropriados para a idade.

Prejuízos no desenvolvimento infantil

Houve certezas e inseguranças quando as professoras foram questionadas sobre os prejuízos que a pandemia trouxe no desenvolvimento das crianças, foram citadas observações de dificuldades nas questões afetivas, intelectuais, psicomotoras, físicas, motoras e principalmente sociais. A maioria dessas dificuldades teve como justificativa as causas que já foram citadas por elas ao longo de toda a entrevista, como a falta de interação com pessoas, a falta do brincar e o uso exagerado das telas.

Apesar de as professoras citarem essas observações recentes sobre o desenvolvimento infantil, algumas delas acreditam que essa será só a ponta do *iceberg*. Em suas percepções o que faltou para as crianças durante o período de isolamento social eram os pilares necessários para um desenvolvimento completo, e a falta disso irá refletir ainda por muitos anos. *“São fruto que acabam que a gente colhe ao longo da vida toda, né?... Não sei dizer se prejudicou, mas acredito que algumas diferenças tenham nessas crianças”* (Professora Bia). Outra professora diz que *“a gente ainda vai ver, eu acredito, né... muitas questões falando sobre essa questão do desenvolvimento.”* (Professora Joana) confirmando a fala da outra professora em relação à expectativa de como será o futuro das chamadas por elas de “crianças da pandemia”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É incontestável que a pandemia trouxe enormes prejuízos para o mundo todo, seja por questões físicas ou emocionais. No nosso caso, analisamos os resultados advindos do meio educacional, onde pelos olhos das professoras da Educação Infantil conseguimos perceber quais foram alguns desafios desse momento histórico na vida das crianças.

Em sua maioria, os relatos nos contam que por mais de um ano as crianças foram privadas de um direito que era garantido por lei. A brincadeira, que foi tão enfatizada nesta pesquisa como sendo essencial para o desenvolvimento físico, emocional, social,

entre outros, foi retirada da vida das crianças de forma repentina durante o período de isolamento social. Durante esse momento, as crianças, com suas exceções, ficaram dentro de suas casas em contato somente com familiares, onde o desenvolvimento de atividades brincantes dependia do tempo e disponibilidade que as famílias se disporem. Com isso, houve o aumento exacerbado do uso das telas.

As professoras narram a volta das crianças ao ambiente escolar demonstrando suas dificuldades. Suas observações são referentes ao desenvolvimento social das crianças, onde muitas ao voltar não aceitavam o toque e o afeto. Também foram constatadas dificuldades no desenvolvimento motor, muito atrelado ao fato de as crianças ficarem sentadas por um longo tempo realizando somente movimentos repetitivos com os dedos das mãos. Em um número pequeno de crianças em que a liberdade do brincar não foi restrita, foi notado um desenvolvimento considerado normal para a idade.

Logo, pode-se concluir que ter um espaço livre, constituído de materiais que estimulam o imaginário, a fantasia e permite a liberdade das crianças ao brincar é essencial para o desenvolvimento e constituição da criança como um indivíduo completo.

A pesquisa conclui que foram notadas muitas diferenças no desenvolvimento das crianças ao voltarem a escola após a isolamento social, mas deixa advento para maiores pesquisas sobre como o fato pode se dar no futuro dessas crianças.

REFERÊNCIAS

Araújo, Juliana. M. de., e Ferreira, Marco. A. M. (2023). **A saúde em tempos de crise: lições a partir da Covid-19.** Revista Katálysis, 26(1), 65-76.

Brasil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 05 out. 2023.

Brasil **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: [ECA_ATUALIZADA-11-2022_GRAFICA.indd \(www.gov.br\)](#) . Acesso em: 05 de out. de 2023.

Brasil. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: MEC, 1996. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96> Acesso em: 05 out. 2023.

Coelho, Rosana; Tadeu, Barbara. **A importância do brincar na educação de infância**. Editora CIED - Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa, 2015.

Coutinho, Angela Scalabrin; Côco, Valdete. Educação Infantil, políticas governamentais e mobilizações em tempos de pandemia. **Praxis educativa**, v. 15, 2020.

Flores, Maria Luiza Rodrigues; Albuquerque, Simone Santos de. O direito das crianças ao brincar no contexto da pandemia. Lima, Samantha Dias de (Org.). **Notas sobre o brincar: experiências na constituição de uma brinquedoteca**. Estância Velha: Z Multi Editora, 2021. p. 116-147.

Kishimoto, Tizuko Morchidda. Jogos, brinquedos e brincadeiras do Brasil. **Espacios en blanco. Serie indagaciones**. Tandil, v. 24, n. 1, jun. 2014. Disponible en <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1515-94852014000100007&lng=es&nrm=iso>. acesso em 10 nov. 2023.

Laguna, Thalyta Freitas dos Santos et al. Educação remota: desafios de pais ensinantes na pandemia. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 21, p. 393-401, 2021.

Lima, Ana. P. F. de; Stacheira, Cláudio. R, Melo, F. R. de; Porto, Marcelo. D, Souza, P. V. B., & Silva, Sônia. B. da C. N. Educação Infantil: a educação 4.0 e consequências de grandes exposições as mídias digitais para as crianças de 4 e 5 anos. **Peer Review**, 5(3), 151–172, 2023. <https://doi.org/10.53660/224.prw304>

Mangueira, Liane. F. B.; Negreiros, Ricardo. A. M.; Diniz, Margareth. de F. F. M.; Sousa José. K. de. Saúde mental das crianças e adolescentes em tempos de pandemia: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 11, p. e4919, 27 nov. 2020.

Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010.

Qvortrup, Jens. Infância e política. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 141, p. 777-792, dez. 2010. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742010000300006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 nov. 2023.

Rabello, Elaine T.; Passos, José Silveira. Vygotsky e o desenvolvimento humano. **Portal Brasileiro de Análise Transacional**, p. 1-10, 2010. Disponível em <[José Silveira \(josesilveira.com\)](http://josesilveira.com)> no dia 16 de novembro de 2023.

Serrão, Célia Regina Batista; Oliveira, Renata Cristina Dias. As vozes que ecoam na pandemia: a escuta como desafio para garantia dos direitos de bebês e crianças pequenas. In: Gobbi, Marcia Aparecida; Pito, Juliana Diamante. **Coletivos, mulheres e crianças em movimentos: na pandemia, do podcast ao livro**. São Paulo: FEUSP, 2021. p. 166-174.

Silva, Elenice de Brito Teixeira et al. **Atos de criação: as origens culturais da brincadeira dos bebês**. UFMG, 2021.

Vygotsky, Lev. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.